

# A ANÁLISE DA OCORRÊNCIA DO PRETÉRITO IMPERFEITO DO INDICATIVO NA EXPRESSÃO DO *IRREALIS* NA FALA MANAUARA

## INTRODUÇÃO

Em meio a tantas formas de variações na língua portuguesa, a futuridade vem-se tornando preponderante como linha de análise de muitos pesquisadores no Brasil, especificamente a respeito da variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito como expressão do *irrealis* (*hipótese, dúvida e suposição*). Os resultados desses trabalhos estão repercutindo de maneira positiva, visto que delimitam a compreensão e o funcionamento deste fenômeno de variação, apresentando uma descrição de probabilidades de sistematização de seu uso, em diferentes regiões.

Entre as pesquisas referentes à expressão da futuridade e, em específico, sobre o *irrealis*, citam-se os estudos de Costa (2003) sobre o futuro do pretérito e suas variantes no português do Rio de Janeiro; Barbosa (2005), sobre a variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por ‘se’ na fala uberlandense e Tesch (2011), sobre a variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba.

Relativos à Manaus, foram realizados dois estudos no âmbito da Pesquisa de Iniciação Científica, vinculados ao macroprojeto “Estudos da Variedade do Português Manauara: enfoques morfossintáticos” (MARTINS, 2015). O primeiro é de Ribeiro (2015), que verificou, por meio de levantamentos e análises de dados, a ocorrência do futuro do pretérito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara; o segundo foi realizado por Barros (2015), que versou sobre a análise da ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara. Em linhas gerais, as conclusões obtidas nesses subprojetos de pesquisa foram que o futuro do pretérito ainda é a forma mais empregada para expressar o *irrealis*. No entanto, o pretérito perfeito já apresenta uma ocorrência significativa.

Nesta perspectiva de estudo, propõe-se sistematizar os resultados da pesquisa de Iniciação Científica realizada por Barros (2015), sobre a ocorrência do pretérito imperfeito do indicativo na expressão do *irrealis* na fala manauara. Propõe-se aqui evidenciar que fatores linguísticos que contribuem para a ocorrência das formas sintética ou analítica desse tempo verbal, verificando as

variáveis referentes ao tipo de texto e paralelismo e os fatores extralinguísticos, gênero/sexo, faixa etária e grau de escolaridade. Ressalta-se que para essa análise foi feita uma revisão dos resultados apresentados na pesquisa do PAIC (FAPEAM) e um aprimoramento na metodologia de tabulação dos dados, empregando o Programa de Análise Estatística – GOLDVARB X.

Esse estudo se fundamenta nos pressupostos da Linguística Funcionalista (VOTRE, 1992) e da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972). A primeira tem como enfoque a interação social, visando à análise da relação entre a estrutura e a função do emprego da língua em diversas situações de comunicação. A segunda, por sua vez, verifica-se a relação entre variantes linguísticas e as categorias sociais na mesma comunidade linguística.

Como procedimentos metodológicos, neste trabalho, utilizaram-se os resultados do *corpus* de análise da pesquisa de Iniciação Científica de Barros (2015), não publicada, como citada anteriormente. Esse *corpus* foi constituído por 24 entrevistas com informantes nativos da capital do Amazonas e/ou informantes residentes nesta localidade há mais de trinta anos, sendo 12 informantes com 12 nível superior e 12 sem nível superior, dos gêneros masculino e feminino, o sexo feminino, equivalendo-se de 12 informantes e o masculino, também, com 12 informantes, distribuídos em três faixas etárias (1ª: 18-35 anos; 2ª: 35-55 anos e 3ª: 55 em diante, sendo que cada faixa tendo um valor numérico de 8 informantes).

Com o intuito de obter resultados precisos, esses dados foram coletados a partir de perguntas que proporcionaram a ocorrência de situações de probabilidade, as quais promoveriam o emprego da futuridade. Por exemplo: “Caso ganhe na loteria consegue imaginar sua vida daqui a dez anos?”. Observa-se que se teve o cuidado de não utilizar verbo no tempo futuro na formulação da pergunta para não influenciar o interlocutor a empregar a mesma forma verbal.

Como recurso de análise quantitativa, utilizou-se o programa Goldvarb X, o qual tem como função indicar quais os grupos de fatores que, no estudo, são significativos ou não, dependendo da frequência em que cada ocorre. Esses grupos de fatores são os condicionadores que possivelmente desencadeiam a tal mudança da substituição do futuro do pretérito pelo pretérito imperfeito, subdivido em linguísticos (tipologia textual e paralelismo) e extralinguísticos (faixa etária, gênero e escolaridade). Além disso, o programa possibilita contabilizar, de maneira exata, os dados envolvidos, contestando, de modo eficaz, quais hipóteses iniciais são diretamente válidas nesta pesquisa.

Para a utilização deste programa estatístico, os dados foram codificados por letras e números, distribuídos pelos grupos de fatores, a fim de serem inseridos no *token* do programa. A variante em estudo é o pretérito imperfeito, representada pela letra 'I'. Em sua forma sintética foi representada por 'X' e, na perifrástica por Y.

Referente aos grupos de fatores linguísticos: o paralelismo foi indicado por 'P' e o não paralelismo por 'Q'. Em referência ao fator tipologia textual, empregou-se a letra 'N' para as sequências narrativas e 'A' para as sequências argumentativas.

Relativos aos fatores extralinguísticos foram verificados: a) o grupo de fator escolaridade, sendo empregada a letra 'B' para ensino básico e 'S' para superior. O fator faixa etária foi subdividido em três variáveis, indicadas respectivamente pelos numerais '1' (de 18-35 anos), '2' (de 35-55 anos) e '3' (acima de 55 anos). Por último, para o grupo de fator gênero, empregou-se a letra 'M' para masculino e 'F' para feminino. Assim, chegou-se à seguinte codificação: IF3SPDRX.

Após a codificação, foram feitas as 'rodadas' dos dados, as quais constituem do cruzamento dos fatores linguísticos, com o intuito de obter a análise estatística. É o próprio programa que separa os grupos de fatores a serem rodados. Essas rodadas constituem-se de cruzamentos realizados das codificações com os grupos de fatores. Através delas, obtiveram-se informações percentuais, numéricas e pesos relativos, as quais indicam os grupos de fatores que são pertinentes para a ocorrência da variável dependente em estudo. Os resultados foram organizados em gráficos e tabelas.

O *corpus* utilizado para análise faz parte do banco de dados do projeto FAMAC (Fala Manauara Culta e Coloquial), organizado por um grupo de pesquisadores, do qual fazemos parte e que está disponível no site <http://www.martinsuea.com.br/>. O objetivo é documentar a fala manauara, provendo subsídios para a realização de análises referentes a essa variedade da língua portuguesa. O projeto FAMAC iniciou-se em 2009 e é desenvolvido por uma equipe de pesquisadores, acadêmicos e mestrandos, sob a coordenação da professora adjunta da Universidade do Estado do Amazonas Silvana Andrade Martins. Esse grupo tem-se dedicado à realização de diversas pesquisas nas áreas da Sociolinguística e da Dialectologia.

Esse estudo sobre a ocorrência do pretérito perfeito como forma inovadora para expressar a futuridade em concorrência com o futuro do pretérito é de grande relevância para o conhecimento desse uso inovador no português brasileiro e, em especial, na fala manauara.

Também traz um aprofundamento da pesquisa realizada por esta autora no âmbito da Iniciação Científica. Desta maneira, proporciona-se a divulgação de conhecimentos a respeito dessa variedade do português manauara e suscitam-se reflexões acerca das maneiras que a língua materna pode ser ensinada mais próxima da realidade linguística dos falantes.

## **1.A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA E O FUNCIONAMENTO LINGUÍSTICO**

Conforme já dito, este estudo vincula-se aos aportes teóricos da Teoria da Sociolinguística variacionista e do Funcionalismo Linguístico. A Sociolinguística variacionista (LABOV, 2008) estuda a relação entre a língua e o desempenho da fala, que é responsável por fenômenos linguísticos que constituem as particularidades dialetais e indicam tanto a variação, quanto a mudança linguística. O princípio de análise da Sociolinguística atrela aspectos linguísticos quanto extralinguísticos. A Teoria Funcionalista (CASTILHO, 2012), por sua vez, estuda a língua, sob um ponto de vista interacional, a fim de descrever as intenções comunicativas do falante em um determinado contexto.

A língua ativa, propriamente viva e em uso, sofre contingentes alterações ao longo do tempo, devido à ocorrência de uma série de arranjos comunicativos instaurados, dependendo da necessidade do ato enunciativo do falante, em diversos contextos sócio-histórico-culturais. Por este motivo, ela não se caracteriza em um sistema estático e homogêneo. Segundo Tarallo (2007, p. 5), a essência da língua:

se configura em um campo de batalha em que duas (ou mais) maneiras de dizer a mesma coisa (chamadas de variantes linguísticas) se enfrentam em duelo de contemporização por sua subsistência e coexistência, ou mais fatalisticamente, em um combate de sangramento de morte.

Nesse âmbito de estudo, a natureza atributiva envolvente em toda língua é a oscilação de estruturas que apresentam o mesmo grau de valoratividade, ou seja, o mesmo significado. Tendo como base essa perspectiva a respeito de língua, a Sociolinguística Variacionista tem por finalidade sistematizar e descrever a heterogeneidade linguística, mais precisamente as variantes utilizadas em situações efetivas e reais de fala, ou seja, o ato comunicativo em uma mesma comunidade linguística.

Essas variações linguísticas não são aleatórias, mas seguem padrões regulares, motivados pelo próprio sistema linguístico e que também refletem aspectos sociais. Entende-se que cada falante não é detentor de autonomia para apregoar a realização linguística da maneira que gostaria, caso contrário, iria se estabelecer um “caos linguístico”. Nesse sentido, Tarallo (2001) afirma que a variação linguística obedece a um processo sistemático. Portanto, “os membros de uma comunidade de fala compartilham um conjunto comum de padrões normativos, mesmo quando encontramos variação altamente estratificada na fala real” (LABOV, 2008 [1972], p. 225).

William Labov foi um dos precursores em fazer essa correlação entre a língua e a sociedade, verificando-se as variações linguísticas presentes em distintos contrastes sociais. Realizou seus estudos em referência à estratificação social do emprego do /r/, em departamentos de lojas nos Estados Unidos, formulando, com base nos resultados obtidos, a Teoria Variacionista que vincula a variação linguística também a fatores sociais. De acordo com Labov (2008, p.21):

não se pode entender o desenvolvimento de uma mudança linguística sem levar em conta a vida social da comunidade em que ela ocorre, ou, dizendo de outro modo, as pressões sociais estão operando continuamente sobre a língua, não de algum ponto remoto, mas como uma força social imanente no presente vivo.

Portanto, a Teoria da Sociolinguística Variacionista desconsidera a homogeneidade na organização estrutural da língua. Delineia, portanto, o fenômeno da variação na heterogeneidade linguística, a partir de análises quantitativas. Assim, os estudos de cunho sociolinguístico norteiam-se “na compreensão da magnitude de sua sistematicidade, seu envolvimento nos fatores linguísticos e extralinguísticos e seu arrolamento como processo de mudança”. Como também, “tem permitido demonstrar o quão central a variação pode ser para o entendimento de questões como identidade, solidariedade ao grupo social, comunidade da fala, prestígio e estigma, entre tantas outras”, conforme explicam Guy e Zilles (2007, p.73 *apud* in OLIVEIRA, 2013).

Mas, para isso é necessário que o pesquisador selecione a comunidade linguística e recolha o material linguístico, no intuito de levantar objetivos e hipóteses através das variantes linguísticas. Também, é imprescindível que o investigador sociolinguista traceje os seguintes pilares: primeiramente o levantamento de dados da língua falada, os quais refletem o vernáculo da comunidade; posteriormente a descrição da variável, tendo em vista o perfil completo das

variantes que as compõem e, em seguida, a análise dos fatores linguísticos e não linguísticos que influenciam na ocorrência da variável.

As formas linguísticas em processo de variação dão-se o nome de variantes, que segundo Tarallo (2008), por sua vez, representa as diversas formas de se expressar a mesma coisa, ou seja, o mesmo significado em um mesmo contexto. A um conjunto de variantes linguísticas atribui-se o nome de variável linguística, a qual é subdividida em variável dependente e independente. A variável dependente é o fenômeno que se pretende estudar e a variável independente são os fatores linguísticos (estruturais) e extralinguísticos (sociais) que condicionam a ocorrência do tal fenômeno.

O Funcionalismo Linguístico tem como pressuposto teórico o estudo da língua como uma ferramenta de interação social. Tem como objetivo investigar competência comunicativa do falante, considerando as diferentes situações de enunciação. Analisa a estrutura gramatical, tendo como referência a circunstância interacional como um todo: o propósito do ato de fala, seus participantes e seu contexto discursivo. A esse respeito, explica Castilho (2012, p. 21):

O funcionalismo não é uma abordagem monolítica; ao contrário, ele reúne um conjunto de subteorias que coincidem na postulação de que a língua tem funções cognitivas e sociais que desempenham um papel central na determinação de estruturas que organizam a gramática de uma língua. Essas estruturas não são fechadas, pois representam as continuadas gramaticalizações das necessidades sociais de expressão e intercomunicação.

Portanto, no que se concerne à teoria Funcionalista, a língua não é possuidora de estruturas estáticas e constantes. Pelo contrário, ela se molda de acordo com a necessidade de que o falante tem para efetivar sua capacidade de direcionar sua interação social através da língua. Para tanto, a pesquisa funcionalista busca esclarecer as relações entre a estrutura e a função, mais propriamente referentes àquelas funções que influenciam na estrutura gramatical.

Sendo assim, estas teorias são de suma importância para nos direcionar nesse estudo que examina a ocorrência da expressão da futuridade, referente ao emprego da forma verbal pretérito imperfeito no âmbito do *irrealis*. Discutem-se seus usos nos contextos de interação verbal, buscando compreender as estratégias linguísticas e sociais que influenciam e favorecem o uso desta forma verbal.

## 2. A ALTERNÂNCIA ENTRE PRETÉRITO PERFEITO E O FUTURO DO PRETÉRITO

### 2.1 A perspectiva do fenômeno na Gramática Tradicional

No decorrer desta pesquisa, situam-se textos que diretamente ou indiretamente abordam a respeito do pretérito imperfeito do modo indicativo como alternativa de substituição do futuro do pretérito no âmbito de hipótese (*Irrealis*). No intuito de um melhor entendimento, abordam-se perspectivas referentes à questão pautada, sob a ótica de diferentes e renomados autores da Gramática Tradicional. Citam-se, entre esses, Cunha & Cintra (2013), Bechara (2009), Azeredo (2013) e Rocha Lima (2014).

Cunha & Cintra (2013), na *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, ao fazer referência a respeito do pretérito imperfeito, pontuam as possíveis utilizações deste tempo verbal em períodos hipotéticos, dentre eles, como substituto do futuro do pretérito.

Registram que o pretérito imperfeito substitui o futuro do pretérito quando for: “[...] para denotar um fato que seria consequência certa e imediata de outro, que não ocorreu, ou não poderia ocorrer.” (CUNHA & CINTRA, 2013, p.466). Exemplificando-se essa ocorrência, os autores citam os seguintes exemplos: “-O patrão é porque não tem força. Tivesse ele os meios e isto *virava* um fazendão (Monteiro Lobato, U, 236) - Se eu não fosse mulher, *ia* também!” (grifo nosso).

Na *Moderna Gramática do Português*, Bechara (2009) também alega que o pretérito imperfeito pode substituir o futuro do pretérito, em situações menos formais, na conversação, quando “se quer exprimir fato categórico ou a segurança do falante” (BECHARA, 2009, p.278) , tal como: “Se me desprezasses, morreria, *matava-me* [CBr.9,19]” (grifo nosso).

Jose Azeredo (2013), na *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*, situa o emprego do pretérito imperfeito, fazendo, apenas, uma observação quanto à variação entre os dois tempos verbais, o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito, sendo que “nos registros semiformal e informal, o pretérito imperfeito do indicativo emprega-se regularmente com o mesmo valor do futuro do pretérito”, por exemplo: “como foi que você adivinhou que eles chegavam hoje? (chegavam por chegariam)” (AZEREDO, 2010, p. 360). Entretanto, Rocha Lima, em sua gramática *Gramática Normativa da Língua Portuguesa* (2014), não faz referência à alternância em questão.

Evidencia-se, a partir das acepções e exemplos das gramáticas tradicionais mencionadas, que elas não abordam de forma significativa e abrangente o assunto envolvido. Poucos autores se preocupam em aclarar em que situações comunicativas se utilizará o pretérito imperfeito com valor de futuro do pretérito. Na ocasião, o que é versado, na maioria das vezes, não passa de uma mera notificação, não sendo um facilitador para o aprendiz e sim gerador de mais dúvidas, o que dificulta o entendimento.

## **2.2 Estudos referentes à variável pretérito perfeito na expressão de futuridade**

A variável pretérito perfeito na expressão de futuridade, em concorrência com a forma verbal tradicional futuro do pretérito, tem sido objeto de estudo, focalizando diferentes regiões do Brasil.

Nessa perspectiva de estudo, faz-se referência a Costa (1997). Essa autora pesquisa a variação entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito, em suas formas sintéticas e perifrásticas, no português informal na fala carioca. O objetivo foi identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam a ocorrência de uma ou outra forma. Segundo a autora, os textos narrativos favorecem o uso do pretérito imperfeito. Ela elucidou, em suas conclusões, que as formas verbais perifrásticas tanto do futuro do pretérito (IRIA + VERBO) como o pretérito imperfeito (IA+ VERBO), não são simples substituições aparentes de suas formas sintéticas, pois apresentam contextos específicos de uso. As perífrases são também as formas mais preferíveis no discurso de falantes tanto jovens quanto idosos. Os jovens optam por (ia + verbo) e, os idosos, pela variante (iria + verbo)

Tatiane Barbosa (2005), em sua dissertação “A variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por “se” na fala uberlandense”, investiga a alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito em orações condicionais iniciadas pela partícula “se”. A autora analisou 45 entrevistas, coletadas com falantes adultos. A análise norteia-se na Sociolinguística Laboviana e na Trans-sistêmica. Como resultado, verificou que o pretérito imperfeito é o preferencial da classe baixa e que o paralelismo formal também favorece a ocorrência desse tempo verbal.

Leila Tesch (2011), em um dos capítulos de sua dissertação de mestrado, analisa a oscilação entre as formas verbais do futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo, tanto em sua forma sintética quanto perifrástica, com a expressão de noção do âmbito do *irrealis*.

Sob a luz dos princípios da Teoria Sociolinguística Variacionista, a autora averigua os fatores linguísticos (paralelismo, tipo de texto e saliência fônica) e extralinguísticos (escolaridade, gênero e faixa etária), que possam condicionar a variação e/ou mudança. Para a realização deste trabalho, a autora utilizou os *corpora* do Banco de Dados do projeto PortVix: O português falado na cidade de Vitória”. Os resultados apontados por Tesch (2011) demonstram um emprego equilibrado entre as duas formas verbais (o futuro do pretérito e o pretérito imperfeito). Entretanto, analisando-se isoladamente os verbos modais dos não modais, verificou-se o uso preponderante do futuro do pretérito junto aos verbos modais, além de bloquearem a colocação na forma perifrástica do verbo. Já o pretérito imperfeito foi persistente nos verbos não modais. Além disso, a forma perifrástica do pretérito imperfeito foi favorecida pelos falantes de faixa etária mais jovens.

### **3- ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS**

Nesta categoria pautada, abordar-se-ão os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos relevantes que influenciam a ocorrência da variação do pretérito imperfeito, como forma inovadora, em substituição ao futuro do pretérito na expressão do *irrealis*. Serão verificadas se estas ocorrências se realizam em suas formas sintéticas ou perifrásticas. O intuito é atribuir uma análise expressamente quantitativa, por meio da interpretação dos dados, para reconhecer melhor a natureza, as funções, as relações e causas do emprego linguístico em questão.

Entretanto, para que se tenha uma melhor compreensão do fenômeno em estudo, a ocorrência do pretérito perfeito em alternância com o futuro do pretérito, apresentam-se, inicialmente, os resultados gerais obtidos por Barros (2015) a respeito da ocorrência do pretérito imperfeito, e os de Ribeiro (2015) referente à frequência do futuro do pretérito, as quais utilizaram o mesmo *corpus*.

Na tabela 1, evidencia-se a distribuição geral de frequência das duas formas verbais. Expõe-se o total de ocorrências do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito, no âmbito do *irrealis*. O *corpus* de análise se constitui de 24 entrevistas, que identificou o fenômeno da variável junto a verbos não modais.

Como podemos verificar na tabela 1, que indica o total de ocorrências das variantes em estudo, foram identificados 887 ocorrências de expressão de futuridade, somando as variantes do futuro do pretérito e do pretérito imperfeito, tanto em sua forma sintética quanto em perifrástica, registradas em 24 entrevistas de falantes manauaras. Dessas 887 ocorrências, apenas foram atestadas 288 de pretérito imperfeito, equivalendo a um percentual de 32 %. E, entre essas, 132 ocorrências foram da forma verbal sintética e 156 de perifrásticas. Portanto, os informantes entrevistados preferem empregar a perífrase que a forma sintética, quando fazem uso do pretérito imperfeito.

TABELA 1. DISTRIBUIÇÃO GERAL DE OCORRÊNCIAS DOS VERBOS					
	Futuro do Pretérito (Forma sintética)	Pretérito Imperfeito (Forma sintética)	IA+V (Forma perifrástica)	IRIA+V (Forma perifrástica)	TOTAL
Nº de ocorrências	550	132	156	49	887
% das ocorrências	62,050 %	14,85 %	17,58 %	5,52 %	100%

Para ilustrar essas ocorrências do pretérito perfeito na expressão de futuridade, apresentam-se trechos das entrevistas.

### 1. Forma Analítica (ia + verbo)

**Documentador:** então... em sua opinião como as pessoas que ganham na loteria devem reagir para realmente aproveitar do prêmio e se fazer na vida?

**Informante:** bom se fosse comigo era isso *ia procurar* as pessoas... com certeza *ia ter contato* com quem já... tem tanto dinheiro assim... e (hes.) *ia planejar* né... não *ia ter gastos* com... coisas...: que não fossem importantes e *ia investir* na vida de todo mundo... sempre crescendo... ( DID 7, feminino, 1ª faixa etária, nível superior).

### 2. Forma Sintética (verbo+ DMT)

**Documentador:** Caso ganhe na loteria....consegue imaginar sua vida daqui dez anos?

**Informante:** [...] Se eu ganhasse na loteria.... paPAI:..... Eu *ostentava... comprava* uma Ferrari e um helicóptero.  
(DID 1: masculino, ensino básico, 1ª faixa etária)

Apesar de a preponderância da utilização do futuro do pretérito, evidencia-se um resultado significativo de emprego da forma inovadora, ou seja, do pretérito imperfeito, conforme já demonstrado na tabela 1.

### 3.1 Grupo de Fator Escolaridade

Um dos fatores que desempenha uma função primordial no processo mantenedor ao domínio da norma culta (prestigiada) é a escola. Por este motivo considera-se na análise o grau de escolaridade do falante. Conforme Votre (2012, p. 51): “compreende-se [...] a influência da variável nível de escolarização, ou escolaridade, como correlata aos mecanismos de promoção ou resistência à mudança”.

Sendo assim, espera-se que as formas do tempo verbal do pretérito imperfeito do modo indicativo, tanto a sintética quanto a perifrástica, por não serem referidas de maneira sistemática no contexto gramatical e no ambiente escolar como sendo formas inovadoras e presentes na língua, sejam mais utilizadas pelos informantes que tenham um menor grau de escolaridade. Segundo Tesch (2011, p. 106) o emprego do pretérito perfeito é assim considerado socialmente: “não se possa afirmar propriamente que são formas estigmatizadas, geralmente, são tidas como informais coloquiais. [...] aprendidas e difundidas a partir da interação espontânea dos usuários da língua, não por meio da gramática tradicional”.

Tabela 2. Influência do grupo de fatores escolaridade na seleção do pretérito imperfeito						
Fatores	Pretérito Imperfeito		Pretérito Imp. Sintético		Pretérito Imperfeito. Perifrástico	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
Ensino Básico (12) Informantes	170	59,027	78	27,083	92	31,944
Ensino Superior (12) Informantes	118	49,973	64	27,751	54	22,222
Total: 24	288	100%				

Os índices na tabela 2 evidenciam que os falantes com menor grau de escolaridade, os detentores do Ensino Básico, por estar em contato menor com a língua culta, difundida pelo universo gramatical da norma padrão, tendem a favorecer o emprego do pretérito imperfeito em

detrimento do futuro do pretérito, com 170 ocorrências ao todo, subdividindo-se em 78 eventos no pretérito imperfeito sintético e 92 no pretérito imperfeito perifrástico. Por outro lado, os informantes graduados empregaram menos vezes a variante inovadora. Foram 118 ocorrências, sendo 64 no pretérito imperfeito sintético e 54 no pretérito imperfeito perifrástico. Esses resultados não apontam para uma diferença muito significativa no que se refere ao fator escolaridade, pois a hipótese era que o pretérito imperfeito fosse mais bloqueado pelos falantes do ensino superior.

No que se refere ao emprego do pretérito imperfeito, entre o uso da forma analítica e o sintético, constata-se que a maior frequência de realizações do pretérito imperfeito analítico ocorre entre informantes que possuem menor nível de escolaridade, por se tratar de uma configuração mais inovadora. Os informantes com ensino superior, quando usam o pretérito perfeito, preferem a forma sintética.

### **3.2 Grupo de fator Faixa etária**

A variante independente faixa etária é significativa em um estudo de natureza sociolinguística, pois é por meio desta que se pode verificar a magnitude do fenômeno, isto é, identificar se essa ocorrência é discreta ou se caracteriza como uma mudança em curso sincrônico.

Deste modo, Nero (2008) esclarece que a explicação teoricamente empírica para esta concepção é de que o processo de aprendizagem completo da linguagem ocorre na puberdade. A partir dessa fase da vida, o vernáculo do indivíduo fica equilibrado, isto é, o indivíduo não altera sua linguagem natural no decorrer do tempo. Por isso, os falantes adultos favorecem as formas clássicas, que reflete sua linguagem de 15 anos atrás e, os mais jovens, as variáveis mais atuais. Então uma variável que apresenta variantes em concorrência, a faixa etária do grupo é importante fator para definir se o fenômeno da variável aponta ou não para uma mudança na língua.

Em referência ao emprego do pretérito perfeito na expressão do *irrealis*, a hipótese geral levantada é de que haja uma variação na fala manauara, que já se caracteriza uma discreta mudança. Isso por que se acredita que os mais jovens utilizem mais a forma inovadora, o pretérito imperfeito, em construção perifrástica, e os mais velhos, em sua forma sintética, que é regida como mais formal dentro do sistema linguístico.

Tabela 3. Influência do grupo de fatores faixa etária na escolha do pretérito imperfeito						
Fatores	Pretérito Imperfeito		Pretérito Imperfeito Sintético		Pretérito Imperfeito Perifrástico	
	Nº	%	Nº	%	Nº	%
<b>Primeira Faixa Etária</b> <b>(18-35 anos)</b>  <b>(08 informantes)</b>	140	50 %	64	22,85 %	76	27,15 %
<b>Segunda Faixa Etária</b> <b>(36-54 anos)</b>  <b>(08 informantes)</b>	28	10%	13	4,6 %	15	6,4 %
<b>Terceira Faixa Etária</b> <b>(de 55 anos em diante)</b>  <b>(08 informantes)</b>	120	40%	55	19,6 %	65	20,4 %
<b>Total = 24 informantes.</b>	288	100%				

Notando a tabela 3, confere-se que os informantes de 18 a 35 anos, os da primeira faixa etária, são os que mais empregam o pretérito imperfeito (140) e a forma perifrástica foi a mais produtiva (76), o que confirma, em partes, a hipótese inicial, de que os jovens encabeçam a mudança linguística. A terceira faixa etária, de 55 anos em diante, fica em segundo lugar quanto ao emprego da forma inovadora (120). Já a segunda faixa etária, de 36 a 55 anos, apresentou um emprego muito discreto do pretérito imperfeito.

Os resultados obtidos quanto ao fator faixa etária aproximam-se daqueles apresentados por Costa (1997) e Barbosa (2005). Costa, em suas pesquisas variacionistas referentes à fala carioca, comprova que a variante do pretérito imperfeito é utilizada pelos mais jovens. Barbosa (2005, p.77), por sua vez, afirma que “ a respeito dos resultados obtidos sobre a faixa etária acima de 45 anos (terceira faixa etária) da região de Urberlandia (MG) [...] que [...] favorece a variante PI”.

### 3.3. Grupo de fator gênero

A linguagem entre homens e mulheres ocorre de forma diferenciada em razão das distintas ideologias e acepções de mundo e desempenhos sociais. Pela alta exigência da sociedade, na ascensão ao mercado de trabalho e pela divisão de trabalho entre os sexos, a mulher pareceu ter mais preferência à linguagem formal, sendo mais conservadora. Pierre Bordieu (1996, p. 37) cita que “[...] as mulheres [...] se mostram mais dispostas a adotar a língua legítima”.

Porém, quando uma forma inovadora deixa de ser estigmatizada, passando a ser aceita no contexto social, as mulheres empregam-na com mais assiduidade do que os homens em seu vocabulários linguísticos, como afirma Paiva (2012, p.36)

Quando se trata de implementar na língua uma forma socialmente prestigiada, as mulheres tendem a assumir a liderança da mudança. Ao contrário, quando se trata de forma socialmente desprestigiada, as mulheres são mais conservadoras e os homens tomam a liderança do processo.

Ainda a esse respeito, também complementa Trudgill (1974, p. 97):

As mulheres, em muitos casos, se auto-definem como usuárias das variantes mais prestigiosas sem realmente o serem, sem dúvida, porque gostariam de utilizá-las ou pensam que deveriam fazê-lo, passando então a crer que realmente o fazem. Isso quer dizer que os falantes se veem como quem utiliza a forma a que aspiram e que para eles tem conotações favoráveis em comparação à forma que realmente usam.

Em concernência a isso, por mais que o uso da variante do pretérito imperfeito pareça ter *status* menos conceituado em relação ao futuro do pretérito, não se pode afirmar que há estigmatização social quanto ao uso da forma inovadora. Esse uso é apresentado pelas gramáticas como uma possibilidade coloquial de uso. Na tabela 4, apresentam-se os resultados, que demonstram que as mulheres não são mais conservadoras que os homens:

Tabela 4. Influência do grupo de fator gênero na escolha do pretérito imperfeito			
Fatores	Pretérito Imperfeito	Pretérito Imperfeito Perifrástico	Pretérito Imperfeito Sintético
Homem (12 informantes)	102 (35,5%)	55 (19,09%)	47 (16,41%)
Mulher (12 informantes)	186 (64,5)	100 (34,7)	86 (29,8 %)
Total= 24 informantes	288 (100%)		

Os resultados da tabela 4 explicitam, com clareza, que as mulheres empregam mais o pretérito imperfeito do que os homens, ou seja, a forma inovadora. Também, verifica-se o emprego mais frequente da perífrase que da forma sintética. Logo, nesse contexto, seguindo os pressupostos da Teoria Variacionista, este uso se mostra como uma variação que não é estigmatizada socialmente.

### 3.4 Grupo de Fator Paralelismo

O paralelismo formal, segundo Barbosa (2005, p. 49) é “a ocorrência em cadeia de uma mesma forma linguística”. Neste fator, foi levado em consideração na análise do *corpus* deste trabalho somente os paralelismos adjacentes do próprio discurso do falante, desconsiderando a relação da fala entre entrevistador e informante (gatilho). Então supostamente, o que se espera é que o emprego de uma forma do pretérito imperfeito (sintético ou perifrástico) influencie novamente no aparecimento de outra forma no pretérito imperfeito (sintético ou perifrástico). Note os exemplos a seguir:

#### Paralelo – Forma Perifrástica e Sintética

**Documentador:** se por um acaso sua família perdesse TUDO empre::go Ca::sa e outros bens você imagina suas ações Diane dessas coisas ruins... caso vocês perdessem tudo?

**Informante:** “a gente: **ia**... correr pra família...pra nossa família...pros amigos...**ia pedir ajuda**...**ia** pedir emprego e eu **ia construir** de novo tudo” ( DID 14. Masculino.1ª faixa. Ensino básico)

**Documentador:** hum (hes.)... se por um acaso o senhor e a sua família estivessem andando na rua e encontrasse um bebe no lixo ou na porta de casa em frente a sua casa... eh o senhor consegue imaginar... eh... qual seria a situação sobre aquela criança sobre aquele bebe ?

**Informante:** eu **trazia** pra casa... ai **dizia** pra mulher que foi de uma mulher por aí (risadas) aí ela tem que criar (risadas) eh brincadeira **trazia** pra cá e **falava** a verdade...: encontrei esse bebe lá no ali no numa lixeira e vamos criar ele ai nós ia criar ai tinha que criar...:

Tabela 5. Influência do grupo de fator paralelismo na escolha do pretérito imperfeito			
Fatores	Pretérito Imperfeito Perifrástico	Pretérito Imperfeito Sintético	Total dos fatores
Paralelo	75 (26 %)	63 (21,92 %)	138 (47,92 %)
Não Paralelo	81 (28,12 %)	69 (23,96%)	150 (52,08 %)
			288 (100%)

Na tabela 5, os resultados oferecidos não confirmam o favorecimento do grupo do paralelismo como um dos motivadores na escolha da tal variante, já que os índices de não paralelo são maiores do que o paralelo. Constitui-se assim um número equivalente a 81 dados na forma perifrástica e 69 na forma sintética, compreendendo um total de 150 ocorrências de não paralelo. A frequência do fator paralelo foi de 138 dados. Nesse fator, os resultados são diferentes dos obtidos em Tesch (2011) e Barbosa (2005), nos quais o paralelismo formal favoreceu a utilização do pretérito imperfeito.

### 3.5 Grupo de Fator Tipologia Textual

Nesta seção, será apresentado de que maneira a tipologia textual correlaciona-se ao pretérito imperfeito do indicativo no âmbito do *irrealis* em sequências narrativas e argumentativas.

A hipótese que dirige este tópico é que as sequências narrativas favorecem o uso do pretérito imperfeito, por levar o falante a enunciar uma sucessão de fatos em ordem cronológica, conforme explica Freitag *et. al.* (2007, p. 4-5):

Constituído por relatos verbais (predominantemente) de fatos, acontecimentos ocorridos no passado e que podem se prolongar por um determinado tempo, em que aparecem ambientes, pessoas e uma sucessão temporal, ou seja, ocorre uma evolução no tempo, não há estaticidade.

A narrativa favorece a ocorrência da variante, ao contrário do texto argumentativo que utiliza mais a forma padrão da língua. Verificam-se os exemplos a seguir:

**Documentador:** Caso você ganhe na loteria consegue imaginar sua família daqui a dez anos ?

**Informante:** é sim... é:: eu **imaginaria**:: minha família:: bem estrutura::da...meus filhos em uma ótima esco::La é:: **ia investir** meu dinheiro em empresa **ia fazer** uma empresa pra mim e também **ia investir** isso em imóveis... né é::... (DID 12, Masculino, 1º faixa etária, nível superior).

**Informante:** “[...] um bom:: um bom:: imóvel pra morar **comprava** um carro bem novo pra mim andar:: pra ir pra igreja né ... **doava** dinheiro aos pobres ...[...]”. (DID 18, 3ª faixa, Ensino Básico).

Tabela 6. Influência do grupo de fator tipologia textual na escolha do pretérito imperfeito

Fatores	Pretérito Imperfeito Sintético	Pretérito Imperfeito Perifrástico	Pretérito Imperfeito
Argumentativo	37 (13,1%)	43 (14,9%)	80 (28%)
Narrativo	96 (33,2%)	112 (38,8%)	208 (72%)
-	-	Total	288 (100%)

Os resultados apontam conforme anteriormente estabelecido em nossa hipótese, as sequências narrativas favorecem o emprego da forma verbal no pretérito imperfeito para a expressão do *irrealis* em relação às sequências argumentativas, visto que foi uma diferença significativa que ocorreu entre os tipos de texto.

Conforme atesta Tesch (2011, p. 102) em sua pesquisa: “[...] ao se formular as hipóteses do fator ‘tipo de texto’, tendo em vista que o pretérito imperfeito é um tempo verbal típico das narrativas”. Também, esse fato é constatado em Costa (1997, p.151). Percebe-se inclusive, que tanto a forma sintética como a perifrástica do pretérito imperfeito é influenciada pela utilização do texto narrativo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou uma análise sobre a ocorrência do pretérito imperfeito na expressão do *irrealis* do modo indicativo, nas formas sintéticas e perifrásticas, no português falado da cidade de Manaus, Amazonas, verificando-se os fatores linguísticos e extralinguísticos que podem influenciar no acontecimento da tal variante. Averiguou-se que, de uma maneira

geral, as formas perifrásticas vêm sendo preferencialmente mais utilizadas do que as formas sintéticas, equivalendo-se a uma porcentagem de 54,17%, notável, por mais que não seja uma grande diferença entre as duas formas.

Em relação aos fatores sociais (gênero, faixa etária e escolaridade), vale ressaltar que os três foram selecionados pelo Goldvarb X, mostrando-se bastante significativos a esta pesquisa. Referindo-se ao gênero, tinha-se a hipótese de que a mulher usaria a forma mais vinculada à norma culta. Contudo ela aderiu mais que os homens ao uso do pretérito imperfeito na forma perifrástica, o que possibilitou o reconhecimento de que esta variante não sofre estigmatização social. Em referência à faixa etária, os mais jovens favorecem a utilização do pretérito imperfeito, evidenciando-se uma mudança em curso. Por fim, quanto ao fator escolaridade, os que têm menor grau de escolaridade selecionam com maior frequência o pretérito imperfeito, em sua forma perifrástica.

O paralelismo foi insignificativo considerando esse corpus de análise, visto que a presença de uma forma não levou ao comparecimento de outra estrutura idêntica no mesmo contexto. Quanto ao fator tipologia textual, este foi muito significativo, demonstrando que a narrativa favorece a ocorrência do pretérito imperfeito, enquanto que o argumentativo inibe.

Assim, foram selecionados cinco grupos de fatores, subdivididos em fatores linguísticos: tipologia textual e paralelismo e, em fatores extralinguísticos: gênero/sexo, faixa etária e grau de escolaridade, para a averiguação e investigação do fenômeno da variação. Dentre esses cinco grupos, o programa GOLDVARB não achou relevante somente um, que foi o paralelismo, o qual não favoreceu a efetivação do pretérito imperfeito, enquanto os demais foram estaticamente significativos.

Por fim, é importante ressaltar que este estudo não almejou traçar de modo definitivo a ocorrência do pretérito perfeito na expressão do *irrealis*, mas apresenta resultados importantes para a sistematização deste fenômeno linguístico na fala manauara, no quadro das variedades do português brasileiro.

## REFERÊNCIAS

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2013.

BARBOSA, Tatiana. **A variação entre futuro do pretérito e o pretérito imperfeito do indicativo em orações condicionais iniciadas por ‘se’ na fala uberlandense**, 2005. 113 p. Dissertação (Mestrado em Linguística), Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev.e.ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTILHO, Ataliba Texeira de. **Funcionalismo e gramáticas do português brasileiro** In: SOUZA, Edson Rosa de (org.). *Funcionalismo linguístico: novas tendências teóricas*. São Paulo: Contexto, 2012.

COSTA, Ana Lúcia dos Prazeres. **A variação entre as formas do futuro do pretérito e de pretérito imperfeito no português informal no Rio de Janeiro**. Dissertação de Mestrado-Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, 1997,199 f.

CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 6 ed.Rio de Janeiro: Lexikon, 2013.

FREITAG, Raquel Meister Ko. **O controle dos efeitos estilísticos dos papéis sociopessoais e do sexo/gênero na entrevista sociolinguística**. In: II CIDS - Congresso Internacional de Dialectologia e Sociolinguística: Diversidade linguística e políticas de ensino, 2, 2012, Belém. Anais... SãoLuís: EDUFMA, 2012. P. 289-296.

GUY, Gregory, R. e ZILLES, Ana. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise**. In: OLIVEIRA, Fernando Augusto de Lima. *A alternância entre o futuro do pretérito e o pretérito*

*imperfeito do indicativo em construções hipotéticas na fala de maceioenses*. Letrônica: Porto Alegre, 2013.

LIMA, Rocha. *Gramática normativa da Língua Portuguesa*. 52 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2014.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972; 2008.

NARO, A. **O dinamismo das línguas**. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M.L. (Orgs.). *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2008.

PAIVA, M<sup>a</sup> da C. **A variável gênero/sexo**. In: TESCH, L. M. **A variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. Percursos Linguísticos**. Periódicos. UFES. Vitória. v. 2. n. 1, p. 89-109. 2011.

TARALLO, F. *A pesquisa sociolinguística*. (8<sup>o</sup> ed.). São Paulo: Ática, 2007.

TESCH, L. M. **A variação entre as formas do futuro do pretérito e pretérito imperfeito do indicativo na fala capixaba. Percursos Linguísticos**. 2011. 268 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

TRUDGILL, Peter. *Sociolinguistics. Harmondsworth*: Penguin Books, 1974.